

PUTIN ADVERTE OS EUA A RECUAREM NA UCRÂNIA

Por M.K. Bhadrakumar*



O secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, e o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, posam para foto em reunião em 24 de abril de 2022, em Kiev, Ucrânia (Agência de Imprensa Presidencial da Ucrânia via AP).

Os EUA apostam em prolongar o conflito, enfraquecendo a Rússia e transformando a Europa em um campo de batalha dependente da liderança americana; para Biden, é uma distração na política interna em ano eleitoral. No entanto, Putin emitiu um alerta bastante severo, e pode não ser prudente ignorá-lo.

A narrativa ocidental da guerra de dois meses na Ucrânia, imbuída da retórica de “democracia versus autocracia”, mudou drasticamente com a afirmação do secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, em uma entrevista coletiva na Polônia na segunda-feira (25 de abril), após sua viagem a Kiev com o secretário de Estado americano Antony Blinken, que Washington quer “ver a Rússia enfraquecida”.

David Sanger, do *The New York Times*, observou que Austin estava “reconhecendo uma transformação do conflito, de uma batalha pelo controle da Ucrânia para outra que coloca Washington mais diretamente contra Moscou”. Mas isso não é realmente uma transformação. Um colega de Sanger no *Washington Post*, David Ignatius, havia escrito há mais de três meses que o governo Biden estava trabalhando em um roteiro para deixar a Rússia atolada na Ucrânia e esmagá-la de maneira que se torne uma potência muito diminuída no cenário mundial.

Para o Kremlin, certamente, a observação de Austin não teria sido uma surpresa. Ainda na segunda-feira, o presidente Vladimir Putin repetiu em uma reunião no

Kremlin que os EUA e seus aliados tentaram “dividir a sociedade russa e destruir a Rússia por dentro”. Putin revisitou o tópico novamente na quarta-feira, apontando que “as forças que historicamente têm perseguido uma política destinada a conter a Rússia simplesmente não precisam de um país tão independente e grande, mesmo enormemente grande, em sua opinião. Eles acreditam que sua própria existência representa uma ameaça para eles”.

De fato, vários observadores ocidentais perspicazes estimaram que o Kremlin efetivamente caiu em uma armadilha armada pelos EUA que visa derrubar o regime de Putin. Pensando bem, a famosa gafe de 26 de março não foi uma gafe, afinal, quando o presidente Biden, falando em Varsóvia, deixou escapar um comentário improvisado e fora do roteiro: “Pelo amor de Deus, este homem [Putin] não pode permanecer no poder.”

Mesmo assim, a observação de Austin significa que está ocorrendo uma mudança dramática na situação geopolítica, que pode ter resultados positivos ou negativos. Na segunda-feira, o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, alertou o Ocidente que permanecer envolvido na guerra Rússia-Ucrânia representa riscos “sérios” e “reais” de uma Terceira Guerra Mundial e “não devemos subestimá-los”.

Para ter certeza, o conflito está lentamente, mas firmemente, entrando em uma nova fase. Combatentes e soldados estrangeiros de unidades regulares da OTAN estão reforçando cada vez mais as linhas de frente do exausto exército ucraniano.

Dito isso, a ótica também precisa ser compreendida. O grito de guerra de Austin veio logo depois que Mariupol caiu para as forças russas. Alguns milhares de nacionalistas ucranianos e algumas centenas de militares de países da OTAN estão presos em um labirinto subterrâneo no complexo da Azovstal, que as forças russas selaram. Foi um duro golpe para o prestígio dos EUA.

A operação especial russa vem sendo bem-sucedida – “esmagando” as forças ucranianas no terreno, para emprestar a ilustrativa expressão do primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson. Na segunda-feira, mísseis russos de alta precisão atingiram pelo menos seis subestações ferroviárias no oeste da Ucrânia, destruindo instalações ferroviárias em Krasnoe, Zdolbunov, Zhmerinka, Berdichev, Kovel e Korosten, que seriam os principais pontos de transbordo para o fornecimento de armamento ocidental para as forças da Ucrânia na região de Donbass. A comunicação ferroviária em várias regiões ocidentais da Ucrânia está efetivamente bloqueada.

Relatórios do leste mostram que as forças ucranianas estão sofrendo pesadas perdas. As forças russas tomaram Kremennaya e estão se aproximando da cidade de Lyman, o que lhes daria o controle de uma rodovia direta para Slavyansk pelo leste.

Apesar da retórica exaltada de Austin, a Ucrânia não apenas não mostra sinais de vitória, mas continua sangrando, e o território sob o controle real do governo ucraniano está diminuindo constantemente. As autoridades americanas admitem que o Pentágono não é capaz de rastrear as armas que estão entrando no país. No

entanto, o governo Biden gastou até agora cerca de US\$ 4 bilhões na Ucrânia. Há mais a dizer a respeito. Quem são os verdadeiros beneficiários dos suprimentos dos EUA? O nível de corrupção na Ucrânia é enorme.

A verdade é que levará muitas semanas ou meses até que volumes significativos de armas pesadas possam ser entregues às unidades de combate ucranianas, mas, enquanto isso, a Batalha de Donbass será travada quase inteiramente com base na força atual no terreno. Em uma [análise detalhada](#) na semana passada, o ex-coronel do Exército dos EUA e prolífico comentarista da mídia Daniel Davis concluiu: “Levará muito tempo para que os governos ocidentais apresentem um plano de equipamento coerente e depois preparem, enviem e entreguem o *kit* em seu destino em um prazo que poderia fornecer às tropas de Kiev a capacidade de fazer pender a balança contra a Rússia.”

A conclusão é esta: a agenda geopolítica do governo Biden é prolongar o conflito militar, que além de enfraquecer a Rússia militar e diplomaticamente, transforma a Europa em um campo de batalha e torna o continente fortemente dependente da liderança dos EUA por muito tempo. Para Biden, a guerra oferece uma distração útil na política dos EUA em ano eleitoral.

Austin sediou uma conferência dos aliados dos EUA na segunda-feira na base americana na Alemanha para formar um grupo de contato mensal sobre a autodefesa da Ucrânia para coordenar os “esforços para fortalecer as forças armadas da Ucrânia a longo prazo”. Tem a aparência sinistra de uma “coalizão de vontades”. Até Israel foi recrutado. Mas os EUA estão subestimando a firme determinação russa de realizar plenamente seus objetivos por trás da operação especial na Ucrânia. Moscou não tolerará nenhum obstáculo, custe o que custar.

Putin emitiu um aviso severo na última quinta-feira: “Se alguém de fora se mover para interferir nos desenvolvimentos atuais, deve saber que de fato criará ameaças estratégicas à Rússia, que são inaceitáveis para nós, e deve saber que nossa resposta aos ataques será instantânea, será rápida.”

Ele foi explícito que a Rússia tem capacidades militares que os EUA não podem igualar. “Temos todas as ferramentas para fazer isso, ferramentas das quais os outros não podem se gabar no momento, mas quanto a nós, não vamos nos vangloriar. Nós as usaremos se houver necessidade e eu gostaria que todos estivessem cientes disso. Tomamos todas as decisões necessárias a esse respeito”, alertou Putin.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M.K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
